

# A JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA: UMA ABORDAGEM CRÍTICA

(da pesquisa: Análise Sociológica da  
Problemática do Jovem)

---

NEI ROBERTO DA SILVA OLIVEIRA  
Sociólogo

A finalidade deste estudo está baseada na afirmação de que o conhecimento das atitudes e comportamentos dos jovens depende da discussão dos valores que envolvem os próprios jovens. Queremos ressaltar que nosso trabalho não visa abordar o âmbito global da problemática da juventude, mas assim analisar alguns aspectos que consideramos expressivos. Assim sendo, este relatório reúne os resultados de uma pesquisa sociológica na qual se procurou avallar os seguintes temas:

- a) a atual conceituação de jovem e adulto;
- b) as possíveis vantagens e desvantagens de ser jovem em nossa sociedade;
- c) a mudança do modo de pensar;
- d) o que se entende como relacionamento afetivo na concepção dos jovens;
- e) a expectativa dos estudantes após terminarem a universidade em relação ao trabalho.

Queremos enfatizar que nosso trabalho se compõe de linhas "exploratórias", indicando uma tentativa de abrir rumos numa temática muito pouco estudada cientificamente no Brasil.

Nesta pesquisa foram entrevistados, através do preenchimento de um questionário, 400 estudantes universitários das três áreas de estudo (biomédica, tecnológica e ciências humanas), sendo 205 do sexo feminino e 195 do masculino. Os estudantes foram selecionados randonicamente nas seguintes universidades do Rio de Janeiro:

- a) Universidade Federal do Rio de Janeiro;
- b) Pontifícia Universidade Católica;
- c) Universidade Gama Filho;
- d) Universidade do Estado da Guanabara;
- e) Fundação Educacional Souza Marques;
- f) Sociedade Universitária Augusto Motta;
- g) Faculdade Cândido Mendes.

Nossa amostra foi planejada tendo em vista ser suficientemente diversificada, e o questionário aplicado foi previamente testado, contribuindo objetivamente para a elaboração do questionário definitivo.

Os estudantes selecionados foram entrevistados durante o 2.º semestre de 1973, tendo nossa amostra como características principais os seguintes elementos: (\*)

- a) predominância de universitários na faixa etária de 18 a 23 anos;
- b) a maior parte dos entrevistados mora com os pais;
- c) os informantes entraram, principalmente, há mais de dois anos na universidade;
- d) a maior parte dos universitários não exerce qualquer tipo de trabalho remunerado.

Esperamos que os resultados apresentados a seguir possam levar o leitor a refletir mais profundamente sobre algumas das características da juventude universitária desta época em que estamos vivendo.

Agradecemos a indispensável orientação teórica e prática dos sociólogos Manuel Diegues Junior e Carlos Alberto de Medina que muitas vezes nos fizeram retomar e reanalisar os aspectos focalizados. Aos estudantes universitários, que colaboraram na parte da pesquisa de campo, nossos melhores agradecimentos por esta contribuição valiosa e significativa, extensivo ao Conselho Nacional de Pesquisa, que financiou este estudo.

#### A CONCEITUAÇÃO DE JOVEM E ADULTO

Primeiramente será abordado o que é um jovem na opinião dos entrevistados e posteriormente o que é um adulto para eles.

Faremos uma tentativa de levantar e interpretar os aspectos comuns, e as distinções entre jovem e adulto.

Nossa indagação inicial foi: "Você se sente *jovem?*", todos os

(\*) Ver tabelas números 1, 2, 3 e 4 em anexo.

Informantes responderam *sim*. Supomos, então, que a pergunta seguinte (O que é um jovem?) já foi respondida num estado de se sentir totalmente incluído no que se disse.

O que se tornou bastante evidente foi a associação de jovem com: "idéias novas, estado de espírito, viver intensamente, saber aceitar a vida como ela é, atualização, mentalidade aberta e enfrentar a vida com alegria".

O que caracterizou a concepção de jovem, em grande parte, foi um otimismo, talvez exagerado, marcado pelo individualismo, como se suas potencialidades fossem ilimitadas. Nosso objetivo não é generalizar tantas e variadas respostas com o que foi mencionado, pois houve informações mais analíticas do que é um jovem. Vejamos algumas respostas que supomos merecem uma reflexão por expressarem uma visão mais realista do papel do jovem de hoje.

1 — "Caracteriza-se essa fase por certa indecisão na tomada de atitudes, bem como uma fase de constante e intenso aprendizado".

2 — "Jovem é uma pessoa geralmente otimista, não se preocupando muito com o futuro, muitas vezes se iludindo com as pesadas, aventureira e de certa forma tem colaborado para determinadas mudanças de valores na sociedade".

3 — "Por ser menos engajado com o sistema, pode ter maior abertura, maior receptividade a novos valores, e daí sua grande responsabilidade, pois do que assumir agora (juventude) será o espelho do que será quando velho (ou amanhã)."

4 — "É aquele indivíduo que se considera sempre capaz de evoluir, e não aceita sua vida de maneira estática nem vive para garantir seu futuro."

Selecionamos essas quatro definições entre as respostas dos entrevistados pois elas representam grande parte do pensamento do que é um jovem, considerando-o numa fase de aprendizagem como colaborador para mudanças de valores na sociedade e a sua pouca vinculação com o sistema.

É preciso enfatizar que o adulto algumas vezes é visto de uma forma preconcebida, ora idealizado, ora extremamente criticado.

Dizer que "o adulto é o jovem pronto culturalmente para desempenhar com perfeição os vários papéis que a sociedade necessita", como foi mencionado, é, parece-nos, um elogio antecipado de como o jovem será sempre jovem, acrescido apenas de mais perfeição. Um dos modelos de adulto a ser seguido assim é apresentado: "É o indivíduo completamente realizado, seja na profissão, no casamento, no sexo, com os filhos, em tudo que se relacione com a vida."

Evidentemente este rapaz vê o adulto somente da forma que ele pretende ser. O que questionamos é qual seria o significado para "completamente realizado?" Seria apenas uma concepção de querer estar bem no seu mundo idealizado como se não houvesse possibilidades de mudanças na sociedade?

Ver o adulto como "uma pessoa culpada pelos tabus que existem", como foi citado por uma jovem, nos parece de um radicalismo exagerado, de uma generalização além dos limites.

Como um todo, o que predominou em relação ao adulto foi defini-lo como uma pessoa que atingiu uma maturidade tanto física como emocional.

Este aspecto nos parece muito relevante pois não se preocupa em visualizar o adulto de uma forma preconcebida ou idealizada como alguns jovens afirmaram. A imagem do adulto como uma pessoa que "torna as coisas mais difíceis do que são" ou então como "pessoas que não mudam e que têm seus valores estáticos", foi citado por vários jovens.

Outro aspecto que merece ser abordado diz respeito a definir o adulto como "um jovem experiente, ou um jovem em alta escala de maturidade", havendo uma preocupação em relacionar jovem e adulto como se não houvesse distinção. Supomos que desta forma a condição de ser jovem não será alterada para esses entrevistados, eles são jovens hoje e continuarão amanhã.

Concordamos com Marialice Foracchi (\*) quando afirmou: "É com os adultos que o jovem aprende a ser adulto; não é outro o significado da socialização se não o de promover a internalização dos modos de comportamento e a assimilação dos valores que governam o sistema de relações do mundo adulto. Quando esse processo se desenvolve de modo contínuo, os jovens não diferem, essencialmente, nas suas atitudes e comportamentos, do estilo de vida adulto, tanto nas atividades que dizem respeito à política, como nas que dizem respeito aos *mores* sexuais, utilização de drogas, expressão artística etc."

A partir de toda esta abordagem apresentada procuramos caracterizar especificamente como os estudantes universitários reagem frente a determinados aspectos. Assim sendo, colocamos a seguir a pergunta formulada e os resultados encontrados.

Quando se fala no jovem universitário de hoje, geralmente associam-se os seguintes aspectos: (assinale se você concorda ou não com os aspectos apresentados).

---

(\*) Foracchi, Marialice M. — *A Juventude na Sociedade Moderna*, São Paulo, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. 1972. 168 págs.

Descontraído		Aberto ao diálogo		O jovem de hoje é liberdarador							
Concordo sexo		Não concordo sexo		Concordo sexo		Não concordo sexo					
F	M	F	M	F	M	F	M				
% 74,7	73,7	25,3	26,3	83,5	77,6	16,5	22,4	47,6	40,8	52,4	59,2
74,3		25,7		81,0		19,0		44,7		55,3	

n = 400

O jovem tem consciência do seu poder de modificar instituições arcaicas

A geração mais velha tem inveja dos jovens de hoje

O jovem está interessado nas mudanças políticas e sociais do Brasil

Concordo sexo		Não concordo sexo		Concordo sexo		Não concordo sexo		Concordo sexo		Não concordo sexo	
F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M
% 61,2	61,8	38,8	38,2	15,5	32,9	84,5	67,1	64,1	55,3	35,9	44,7
61,5		38,5		22,9		77,1		60,3		39,7	

n = 400

Ser universitário é sinônimo de poder criticar a sociedade sem se incluir

Ser universitário é uma forma cômoda de viver

O jovem reconhece o valor da família na sua formação

Concordo sexo		Não concordo sexo		Concordo sexo		Não concordo sexo		Concordo sexo		Não concordo sexo	
F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M
% 8,7	6,6	91,3	93,4	11,7	14,5	88,3	85,5	77,7	80,3	22,3	19,7
7,8		92,2		12,8		87,2		78,8		21,2	

n = 400

Observa-se no quadro anterior que a maioria dos universitários concorda com os seguintes aspectos:

- a) aberto ao diálogo — 81,0%;
- b) reconhece o valor da família na sua formação — 76,8%;
- c) descontraido — 74,3%;
- d) consciência do seu poder de modificar instituições arcaicas — 61,5%;
- e) interessado nas mudanças políticas e sociais do Brasil — 60,3%;

E a maioria não concorda com estes outros aspectos:

- a) ser universitário é sinônimo de poder criticar a sociedade sem nela se incluir — 92,2%;
- b) ser universitário é uma forma cômoda de viver — 87,2%;
- c) a geração mais velha tem inveja dos jovens de hoje — 77,1%;
- d) o jovem de hoje é hipervalorizado — 55,3%.

Supomos que estar aberto ao diálogo exprime toda uma predisposição a discutir qualquer assunto sem uma posição definida. Deste modo os universitários, ao concordarem com a afirmativa, revelam que se sentem capazes de manter uma conversação em tal nível. O que se questiona é como este tipo de diálogo se processa na realidade. Em nossas observações verificamos que muitas vezes o diálogo aberto é unilateral, o jovem ou o adulto externaliza seu pensamento como se fosse uma comunicação imposta e a própria discussão não existe. Seria o caso de perguntarmos se o diálogo aberto só existe quando se realiza entre os próprios jovens ou entre os próprios adultos.

No que diz respeito aos jovens concordarem em reconhecer o valor da família na sua formação nos parece bastante coerente, pois os universitários dependem, em sua maioria, financeiramente da família, morando com os pais (\*). Quando trabalham é em regime de horário parcial ou esporadicamente; apenas 15,1% declararam trabalhar em horário integral, (\*) isto implica num reconhecimento da dependência em que estão inseridos.

Ser descontraido, parece-nos, é a associação que muitos entrevistados fizeram ao definir jovem como "uma pessoa dinâmica, sempre pronta para tudo, que aceita as mudanças racionalmente e vive intensamente o presente". Ser descontraido muitas vezes apa-

(\*) Ver tabelas números 2, 4 e 5.

rece de forma camuflada como uma preocupação de transmitir esta imagem do jovem de hoje.

É difícil avaliar em nossa pesquisa o que representa muitos informantes concordarem em ter consciência do seu poder de modificar instituições arcaicas. Acreditamos que poderia ser mais uma das formas do jovem universitário de se ver como transformador e inovador. Isto é o que muitos afirmaram ao definirem o que entendem por jovem.

Estar Interessado nas mudanças políticas e sociais do Brasil é uma colocação de observador e não participante. Mesmo assim, apenas 55,3% dos rapazes e 84,1% das moças concordaram com a afirmativa. Este aspecto talvez demonstre uma tendência da ambigüidade dos jovens, isto é, uma constante preocupação com sua imagem e uma desvinculação com as verdadeiras mudanças que se processam na sociedade.

No que se refere aos aspectos com os quais os universitários não concordam, as alternativas apresentadas por nós colocavam os jovens numa posição privilegiada e a reação imediata foi o alto percentual daqueles que discordaram de tais afirmativas (ser universitário é sinônimo de poder criticar a sociedade sem se incluir, ser universitário é uma forma cômoda de viver, a geração mais velha tem inveja dos jovens, e o jovem de hoje é hipervalorizado). Isto talvez possa representar uma posição defensiva do grupo universitário e não apenas uma opinião individual.

Além desses nove itens apresentados, solicitamos: "Acréscente algum aspecto, com o qual você concorde e que não esteja incluído nesta lista acima." Tornou-se possível verificar que várias respostas foram vinculadas com alguns dos aspectos por nós colocados.

Saltou-se que somente 10% dos informantes acrescentaram um outro aspecto sobre o jovem universitário de hoje e os exemplos abaixo refletem uma preocupação, numa dimensão mais ampla, com a sociedade em que se está inserido. Vejamos algumas dessas opiniões:

- a) "O jovem universitário sabe criticar as instituições, mas não sabe apontar um meio de resolver seus pontos negativos."
- b) "O jovem está muito preocupado consigo mesmo, e não se lembra dos problemas políticos do Brasil."
- c) "Em vista das condições históricas existentes no momento o jovem está, de um modo geral, se alienando cada vez mais."
- d) "O jovem universitário de hoje, como reflexo de toda uma situação global, está se tornando alienado."
- e) "Apesar das possibilidades em termos de informação para uma melhor conscientização, isto não está acontecendo."

- f) "Geralmente não tem consciência de que sendo universitário está comprometido com o sistema."
- g) "Se criticar a sociedade for a conscientização dos problemas do nosso país, a participação tende a crescer."
- h) "Por minha vivência no meio posso dizer que concordo com o fato de o universitário ser altamente festivo — diz muita coisa e faz muito pouco."
- i) "Jovem é um cordeiro que pretende ser o lobo."
- j) "O jovem universitário é um pretensioso teórico sem capacidade de aceitação."

**AS POSSÍVEIS VANTAGENS E DESVANTAGENS DE SER JOVEM EM NOSSA SOCIEDADE**

Na tentativa de encontrar indicadores das possíveis vantagens e desvantagens de ser jovem em nossa sociedade, verificamos que determinados informantes simplesmente repetiram o que haviam dito em relação à parte inicial desta pesquisa (VER A CONCEITUAÇÃO DE JOVEM E ADULTO) quando perguntamos o que era um jovem.

Inicialmente foi perguntado aos entrevistados: "VOCE CONSIDERA UMA VANTAGEM OU UMA DESVANTAGEM SER JOVEM EM NOSSA SOCIEDADE?" Os resultados encontrados foram:

VANTAGEM		DESVANTAGEM	
Sexo		Sexo	
F	M	F	M
% 89,3	85,5	10,7	14,5
% 87,7		12,3	

n = 400

Como se pode observar, aproximadamente 9 em cada 10 informantes consideraram ser jovem como uma vantagem. Em seguida fizemos uma pergunta aberta. (Por que você considera como uma vantagem ser JOVEM em nossa sociedade?) e verificamos que alguns universitários fizeram uma associação de ser jovem como vantagem devido ao desenvolvimento, que eles consideram, do Brasil. Esta associação foi apresentada da seguinte forma: "Porque vivemos na fase mais importante do desenvolvimento do Brasil e o jovem consequentemente tem suas chances aumentadas." "Através de várias inovações do governo, como o Projeto Rondon que contribui para que os jovens conheçam o progresso do Brasil" ou ainda "Porque nossa sociedade está em ascensão sócio-econômica."



Outro tipo de associação que foi feita por alguns jovens relaciona-se com liberdade; está sendo vista num sentido bastante amplo como: "Há mais liberdade de pensamento e expressão", "Existe muita liberdade de ação" e outras frases semelhantes.

É preciso enfatizar que a maioria dos Informantes deu uma resposta imprecisa, como: "Considero uma vantagem ser jovem em qualquer sociedade". "A vantagem está ligada ao maior processo de conscientização da juventude atual." "Devido ao fato de se encerrar a vida mais naturalmente, sem tabus e preconceitos."

Resalta-se que aqueles universitários que consideraram uma desvantagem ser jovem em nossa sociedade apresentaram suas opiniões inseridas numa problemática mais complexa como: "No caso específico brasileiro, atualmente o jovem sofre, de uma forma ou de outra, um acentuado processo repressivo que implica seriamente na concretização de todas as suas potencialidades." "O poder está com os mais velhos, e com ele, o dinheiro, as decisões etc." "O valor do jovem não é reconhecido."

#### A MUDANÇA DO MODO DE PENSAR

Nesta etapa de nosso estudo pretendemos avaliar se determinados meios de comunicação (teatro, cinema, livro) influem no modo de pensar dos jovens estudados, modificando-os.

Assim sendo, nossa tentativa é conhecer como é vista esta influência dos meios de comunicação no modo de pensar, se isto já aconteceu, quando e de que forma aconteceu. Evidentemente nesta abordagem tem-se dois tipos de posição; uma, o teatro, o cinema ou um livro, podendo mudar o modo de pensar, e outra, de que estes meios de comunicação não exercem tal influência.

Nossa primeira pergunta foi fechada. Queríamos uma resposta positiva ou negativa. Eis a pergunta: "VOCÊ DIRIA QUE UMA PEÇA DE TEATRO, UM FILME OU UM LIVRO PODERIA FAZER COM QUE VOCÊ MUDASSE O SEU MODO DE PENSAR?" Como é possível observar, a pergunta em si exprime uma condição (diria, poderia fazer) não definitiva. Os resultados encontrados foram os seguintes:

SIM		NÃO	
Sexo		Sexo	
F	M	F	M
% 39,8	46,1	60,2	53,9
% 42,5		58,5	

n = 400

Houve, como se pode constatar, uma pequena diferença na opinião dos rapazes: aproximadamente 1 para cada 2 rapazes entrevistados considerou ser possível mudar o modo de pensar.

Nossa segunda indagação para os que responderam *sim* à pergunta anterior foi assim colocada: "Se uma peça de teatro, um filme ou um livro já fez com que você mudasse o modo de pensar, perguntamos: Como isto aconteceu? Quando? De que forma?" e para os que responderam *não* perguntamos "Por que não?"

Como foi visto na tabela anterior, o que predominou foi considerar uma peça de teatro, um filme ou um livro como *não* influenciando no modo de pensar. Interessante na análise global dos dados encontrados foi o fato de muitos desses jovens assumirem uma posição defensiva, procurando justificar a sua negativa se auto-elogiando, afirmando que têm uma personalidade muito forte e não seria uma peça de teatro, um filme ou um livro que faria com que mudasse o modo de pensar, ou então dizendo que já têm um pensamento bastante estruturado. Para eles seus conceitos já estão devidamente formados e não se sugestionam com facilidade, procurando ter opiniões próprias.

Mudar o modo de pensar para esses jovens foi visto, parece-nos, como sinônimo de fraqueza, de insegurança e não como uma possível forma de abertura, de reflexão, de questionamento. Outro aspecto significativo na resposta dada à pergunta "Você diria que uma peça de teatro, um filme ou um livro poderia fazer com que você mudasse o seu modo de pensar?" foi o acréscimo de elementos que ela não possuía, tais como "impossível mudar o modo de pensar *radicalmente, totalmente, basicamente.*" Nossa abordagem sobre este aspecto está intimamente ligada ao fato de estudarmos o jovem universitário que está recebendo uma série de informações, fato esse que não pode ser esquecido, mesmo sem qualquer análise de conteúdo dessas informações, pois não é o nosso objetivo nesta pesquisa. Assim sendo, supomos que a formação universitária represente um fator de transformação do pensamento e não apenas o modo de adquirir uma profissão. Acreditamos que esta posição assumida por determinados jovens em relação a esses meios de comunicação pode expressar uma posição semelhante com relação à própria universidade. Está sendo vista apenas superficialmente, sem grandes possibilidades de vir a influir, de maneira positiva, no modo de compreender e ampliar conhecimentos referentes à sociedade e a si mesmo. Universidade sendo vista somente como uma meta a ser atingida individualmente sem conseguir influir de forma mais ampla, mais profunda no modo de pensar dos universitários.

Alguns informantes tentaram analisar suas justificativas para negar a não aceitação do modo de pensar, tais como: a) "Porque quando uma pessoa atinge um grau de maturidade e de percepção da vida, não é fácil modificar seu modo de pensar. Um livro, um filme

podem fazer com que a gente pense mais profundamente num determinado assunto mas não mudar nossa idéia já estabelecida. Só os acontecimentos da vida é que mudam nosso modo de "ver as coisas"; b) "É claro que um livro, ou filme ou uma peça de teatro acrescenta sempre ou quase sempre alguma coisa no nosso modo de pensar, de ser, mas não *modifica* o modo de pensar. A vida, sim, é que faz com que se modifique"; c) "No caso de se estar mal informado sobre determinado assunto, esses meios podem esclarecer e levar a maneira de pensar do indivíduo para outro lado. Na parte moral e espiritual não acredito numa mudança radical e sim numa orientação de uma escolha opcional. Acredito que qualquer meio de informação force o indivíduo a pensar." d) "A mudança de comportamento de modo de pensar tem que partir de dentro da pessoa, da análise dos seus valores."

Por outro lado, encontramos justificativas daqueles que consideraram esses meios de comunicação como capazes de modificar o modo de pensar, tais como:

a) "Aconteceu através de um livro — *O poder do pensamento positivo*. Este livro me levou a encarar a vida de uma maneira mais realista, me transmitiu mais segurança."

b) "Ao responder *sim*, refiro-me ao meu modo de pensar sobre um determinado assunto, pois quando um filme é capaz de transformar o modo de pensar de uma pessoa com certa cultura, é porque contém uma mensagem positiva e esclarecedora sobre o seu assunto-tema."

c) "A acrescentando mais informações, desenvolvendo o senso de observação, podendo desta forma facilitar a compreensão da minha própria vida."

d) "Sou cinéfilo e tenho uma enorme lista a respeito: filmes nacionais de cunho social ("Deus e o Diabo na Terra do Sol", "Vidas Secas" e "A Grande Cidade") me despertaram para esse tipo de problema. Os filmes de François Truffaut ("Jules e Jim" e "Beljos Roubados") para a alegria que se pode encontrar na vida. Filmes como "Morangos Silvestres", "Cidadão Kane" me fizeram refletir sobre a existência do homem. Para mim o cinema tem um papel mais importante que a literatura, ajudando-me a conhecer o mundo."

e) "Antes de tudo devo dizer que o termo *mudar* o modo de pensar foi mal empregado. O que na realidade acontece é uma *ajuda* na formação de caráter e personalidade. Creio que principalmente os livros têm este poder."

O QUE SE ENTENDE COMO RELACIONAMENTO AFETIVO NA  
CONCEPÇÃO DOS JOVENS

Nesta parte do nosso estudo procuramos analisar, numa abordagem sociológica, o grau de importância do relacionamento afetivo na concepção dos jovens pesquisados. Nossa tentativa de investigar este aspecto refere-se ao fato de que a afetividade tem um valor marcante nas atitudes dos jovens, no seu cotidiano, na sua forma de relacionar-se mais intimamente com os seus semelhantes. Qual seria então a visão atual do relacionamento afetivo? Assim sendo, iniciamos este estudo formulando aos jovens universitários entrevistados uma pergunta aberta: "O que você entende por relacionamento afetivo?"

As respostas dadas apresentaram, além de uma demonstração implícita de romantismo, valores que visualizaram o relacionamento afetivo primordialmente como algo entre duas pessoas, com características de continuidade que possibilitem aprofundar o relacionamento.

Procuraremos exemplificar algumas respostas que foram dadas concernentes à pergunta acima e o vocabulário mais utilizado na resposta desta pergunta.

Assim sendo, o relacionamento afetivo foi entendido principalmente como:

- a) compreensão e sinceridade;
- b) carinho e amor entre duas pessoas;
- c) entrocamento total, em todos os níveis (afetivo, sexual e espiritual);
- d) troca de afeto;
- e) capacidade de dar e receber;
- f) amizade sincera entre duas pessoas;
- g) respeito e diálogo amplo;
- h) sentimento recíproco.

Este relacionamento é visto também por um grande número de jovens como uma tentativa de se criar um laço mais constante e sério entre duas pessoas, surgindo espontaneamente, sem egoísmos, não visando interesses materiais e havendo uma aceitação completa dos defeitos da outra pessoa.

Ressalta-se que a associação de relacionamento afetivo com amor foi bastante freqüente, caracterizado como um sentimento global, sendo a origem e não a consequência de um estado afetivo.

Em seguida perguntamos aos informantes: "Você diria que a aparência física influi muito na sua escolha para iniciar um relacionamento afetivo?" Obtivemos os seguintes resultados: *Muito* — 6,7%; *mais ou menos* — 45,8%; *pouco* — 29,8% e *nada* — 17,9%.

Nosso objetivo a partir desta pergunta foi encontrar indicadores para certificar como os jovens de hoje escolhem seus companheiros, e quais suas possíveis exigências para manter este tipo de relacionamento.

Como pudemos observar, a aparência física só não influi mesmo para aproximadamente 1 em cada 5 jovens para iniciar um relacionamento afetivo. Salientamos que não houve diferenças marcantes na concepção dos rapazes e das moças.

Posteriormente fizemos a seguinte pergunta: "Apresentamos agora alguns aspectos vinculados a um relacionamento afetivo quais desses você considera fundamentais para MANTER este mesmo relacionamento afetivo? "a) nível sócio-econômico semelhante ao seu, b) nível educacional semelhante ao seu, c) idade semelhante à sua, d) fidelidade sexual, e) aceitação de sua escolha por parte de sua família, f) aceitação de sua escolha por parte de seus amigos."

Desses seis aspectos apresentados, a maior exigência feita pelos jovens estudados para manter um relacionamento afetivo foi, na concepção dos rapazes, a *fidelidade sexual*, considerada fundamental por 71,1% dos entrevistados e, na concepção das moças, o *nível educacional semelhante ao seu*, considerado como fundamental por 76,7%.

Como um todo desses seis aspectos apresentados, os dois acima mencionados (*fidelidade sexual* e *nível educacional semelhante ao seu*) foram os que tanto os rapazes quanto as moças consideraram os mais importantes para manter um relacionamento afetivo. Vejamos os resultados gerais encontrados: (Vê tabela a seguir).

No que diz respeito à fidelidade sexual, a porcentagem alcançada parece-nos especialmente significativa, pois nossa pergunta chamava a atenção ao fato de ser fundamental. Entendemos então que há implicitamente uma preocupação bastante visível em relação a este aspecto.

Acreditamos que, quando os jovens falavam que relacionamento afetivo era encarado como compreensão e sinceridade, respeito, entrosamento total etc., eles estavam querendo dizer também que determinadas áreas poderiam vir a ser conflitivas. Ressaltamos ainda que a exigência desta fidelidade sexual deve ter implicações que podem facilmente chegar a um rompimento ou então sofrer modificações marcantes pois, se uma pessoa considera fundamental para manter um relacionamento afetivo a fidelidade sexual e a outra não a considera, conseqüentemente uma delas terá de modificar o seu conceito ou então não prosseguir nesta relação amorosa.

Em relação aos outros aspectos, verifica-se que o nível sócio-econômico semelhante é exigido, aproximadamente, por 1 em cada 3 jovens, o que demonstra que toda a aceitação dos jovens universitários estudados está sujeita a princípios poucos flexíveis e que

nível sócio-econômico semelhante ao seu				nível educacional semelhante ao seu				idade semelhante à sua			
<i>considera fundamental</i>				<i>considera fundamental</i>				<i>considera fundamental</i>			
<i>SIM</i> <i>sexo</i>		<i>NAO</i> <i>sexo</i>		<i>SIM</i> <i>sexo</i>		<i>NAO</i> <i>sexo</i>		<i>SIM</i> <i>sexo</i>		<i>NAO</i> <i>sexo</i>	
F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M
% 33,0	26,3	67,0	73,7	76,7	61,8	23,3	38,2	19,4	31,6	80,6	68,4
% 30,2		69,8		70,4		29,6		24,6		75,4	

n = 400

fidelidade sexual				aceitação de sua escolha por parte de sua família				aceitação de sua escolha por parte de seus amigos			
<i>considera fundamental</i>				<i>considera fundamental</i>				<i>considera fundamental</i>			
<i>SIM</i> <i>sexo</i>		<i>NAO</i> <i>sexo</i>		<i>SIM</i> <i>sexo</i>		<i>NAO</i> <i>sexo</i>		<i>SIM</i> <i>sexo</i>		<i>NAO</i> <i>sexo</i>	
F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M
% 68,9	71,1	31,1	28,9	23,3	14,5	76,7	85,5	9,7	6,6	90,3	93,4
% 69,8		30,2		19,6		80,4		8,4		91,6	

n = 400

a liberdade de escolha numa relação afetiva está condicionada a essas exigências já internalizadas e de difíceis alterações. Observa-se que a influência familiar também é um fator não esquecido pelos jovens, principalmente pelas moças, sendo que, uma em cada quatro moças, considera fundamental a aceitação de sua escolha por parte de sua família.

Em relação à idade os rapazes, mais do que as moças, consideraram-na fundamental, como se pode observar na tabela anterior. Apenas o aspecto mencionado por nós "aceitação de sua escolha por parte de seus amigos" pareceu pouco relevante para interferir na escolha do parceiro. Aproximadamente um jovem em cada 11 considerou-o fundamental. Assim sendo, a relação afetiva independe dos amigos.

Além desses seis aspectos mencionados por nós, perguntamos aos jovens: "Acréscente outros aspectos que você considera fundamentais para MANTER um relacionamento afetivo e que não estejam na lista acima."

Apenas 15% dos jovens estudados contribuíram com um novo aspecto. Os mais citados foram:

- a) fundamental haver o amor;
- b) diálogo é a base da continuidade do relacionamento afetivo;
- c) entrosamento sexual;
- d) maturidade no relacionamento;
- e) interesses comuns;
- f) respeito pela individualidade de cada um.

Como se pode verificar, o relacionamento entre duas pessoas, na concepção dos jovens estudados, está condicionado a determinadas exigências (especialmente fidelidade sexual e nível educacional) que, em si, representam um controle do potencial afetivo de cada indivíduo. Este controle parece significativo, pois pode expressar uma resistência, maior do que se imagina, dos impulsos afetivos. Assim sendo, atualmente parecem ser muito constantes certas atitudes dos jovens ao procurarem demonstrar uma liberdade de comportamento apenas exterior devido a uma necessidade sua de corresponder à imagem de livres, sem preconceitos e abertos ao diálogo. Conseqüentemente, eles mesmos limitam o seu campo de atuação e agem de acordo com o que deles se espera, ou seja, participando apenas nas áreas em que lhes é permitido atuar.

Para finalizar, as exigências mencionadas não parecem estar de acordo com as afirmativas dos jovens de serem livres, sem preconceitos e abertos ao diálogo.

## EXPECTATIVAS DOS ESTUDANTES APÓS TERMINAREM A UNIVERSIDADE EM RELAÇÃO AO TRABALHO

É preciso esclarecer que na época em que os universitários preencheram o questionário desta pesquisa (2.º semestre de 1973) eles estavam cursando, em sua maioria, o segundo e o terceiro anos da universidade (\*). Conseqüentemente, as expectativas face ao trabalho refletem uma série de diferenças, como de um estudante que ingressou na universidade em 1973 e outro que já está terminando o curso. Desta maneira, nossas considerações estarão vinculadas a estes aspectos.

Há uma preocupação acentuada por parte dos informantes em afirmar que pretendem exercer de fato suas futuras profissões. Supomos que desta forma o conhecimento das dificuldades para se colocar no mercado de trabalho, seja como psicólogo, administrador de empresa, advogado etc. já se faz bastante presente. Os universitários, que já trabalham, muitas vezes afirmam que desejam ser aproveitados após o término de curso em seus respectivos empregos, exercendo, entretanto, a profissão adquirida.

Um em cada 5 estudantes que se encontravam na etapa final dos seus cursos (\*) (37,3% da amostra) colocou a expectativa face ao trabalho em forma de opção, ou seja, exercer a profissão adquirida ou realizar um curso de pós-graduação.

O curso de pós-graduação é visto por alguns somente como uma forma de manter o *status* de estudante e adiar a entrada no complexo mundo do trabalho. Assim, determinados informantes escreveram: "Mestrado é uma boa para mim." Ou então: "Viajar (pós-graduação no exterior)."

É claro que encarar um curso de pós-graduação como continuidade, tendo um objetivo a atingir, foi o que predominou. Há os que pretendem continuar estudando (curso de pós-graduação) e trabalhando, e em certos casos justifica-se a necessidade de dar continuidade ao curso superior através de uma especialização, como o de um estudante de medicina ao afirmar: "Preocupo-me muito com a questão, trabalho no sentido de minha independência financeira. O campo psiquiátrico (no sentido médico estrito da palavra) não é o que mais me atrai, mas sim o campo especializado de psicanálise cuja formação é longa e onerosa. Até lá terei de me manter em trabalhos hospitalares que julgo seguirem uma linha ultrapassada e restrita de ajuda ao homem. Hospitais de orientação de psiquiatria social (onde o trabalho me ajudaria em 100%) quase não existem no Brasil. Sintetizando, se houver condições financeiras, faço a especialização."

---

(\*) Ver Tabela número 3.



Em relação ao exercício da profissão, há opiniões totalmente desvinculadas de qualquer senso de seriedade, como a de uma universitária que diz "Curtir uma de psicóloga", e as dos que questionam se estão aptos para o exercício de tal função. É o caso, por exemplo, da jovem que diz: "Esta é a pergunta (Quais são os seus planos para quando terminar o seu curso na universidade? quanto ao trabalho), que mais temo atualmente, pois a formatura será no ano que vem, está aí batendo na porta, muito bem e aí? então me vêm mil perguntas: se estou realmente preparada para exercer uma profissão na qual terei nas mãos indivíduos com problemas que terei de manipular. Será que toda essa bagagem recebida é suficiente para tal responsabilidade? De qualquer forma, pretendo dar tudo de mim, quer como profissional, quer como ser humano."

A possibilidade de exercer a profissão fora do Rio de Janeiro surge como uma solução no caso de não se encontrar um trabalho bem remunerado. Esta alternativa foi mencionada apenas por alguns rapazes. Dizem eles: "Caso encontre bom campo de trabalho (ganhando bem) permaneço no Rio, caso contrário, vou para o interior." "É provável que eu mude para outra cidade, pois financeiramente é mais compensador."

A busca da independência financeira é colocada frequentemente pelos entrevistados, alguns dando-lhe uma conotação primordial, outros apenas como um reconhecimento do esforço do seu trabalho.

Uma diferença sutil, mas significativa, surge quando procuramos verificar em que áreas de estudo os informantes estão inseridos, pois quando o estudante pertence a área tecnológica (especialmente engenharia), referindo-se a um plano de trabalho ele afirma "eu vou" e o estudante da área de ciências humanas (principalmente comunicação, direito, economia e ciências sociais) diz "eu pretendo".

O que nos parece é que o conhecimento das possibilidades de trabalho são bastante claras atualmente para os universitários do Rio de Janeiro. A formação técnica pode significar em si uma entrada no mercado de trabalho quase que imediatamente. Por isso, então, os jovens desta área estão mais seguros quanto ao seu trabalho, o que não ocorre com os universitários da área de Ciências Humanas, na qual as oportunidades estão limitadas por não ser considerada como meta de desenvolvimento e, intrinsecamente, há uma desvalorização desses atuais e futuros profissionais.

Em relação aos estudantes da área biomédica, a colocação frente ao trabalho apresenta diferenças quanto ao curso. Por exemplo: para os estudantes de medicina as oportunidades são muitas, enquanto que para os de psicologia já são mais restritas.

Enfatizamos nesta parte do nosso estudo o fato de que ter como objetivo "trabalhar em função da comunidade" ou "contribuir de alguma forma para o bem-estar social" foi mencionado apenas por uma minoria dos entrevistados, o que se contrapõe à aspiração de muitos de se realizarem financeiramente após o término do curso universitário. Acredita-se que esta distinção reflita o processo pelo qual o indivíduo passa a adotar os valores e normas de sua sociedade e os incorpora em sua personalidade. Nesse caso, parece que a nossa sociedade considera como realizar-se profissionalmente apenas o aspecto de estar bem financeiramente. Evidentemente, isto contribui para uma visão bastante individualista dos jovens de hoje.

## CONCLUSÕES

Seria supérfluo insistir na significação do conhecimento da juventude num país onde predomina a população jovem. Nesta pesquisa, entretanto, procurou-se avaliar determinados aspectos dos jovens universitários do Rio de Janeiro. Assim sendo, nas diferentes etapas deste estudo constatou-se que, de um modo geral, os estudantes têm uma posição crítica frente à sociedade, embora esta crítica fique restrita a determinadas áreas. Concordamos com Marialice Foracchi (\*) quando diz que "cada sociedade constitui o jovem à sua própria imagem". O que nos parece é que muitos jovens internalizaram valores que lhes afastam da capacidade de visualizar a sociedade num sentido global.

Verifica-se que a caracterização de jovem, elaborada por eles mesmos, parece acentuar uma necessidade de querer marcar a geração atual com atributos pouco explícitos, tais como: idéias novas, saber aceitar a vida como ela é, mentalidade aberta, enfrentar a vida com alegria etc., o que pode representar um acentuado processo de alienação. Alienação, sendo vista, como diz Keniston (\*\*) "first, the alienated individual is the agent of this own alienation; he chooses to be alienated; his alienation is conscious and largely egosyntonic. Second, what replaces the original or "natural" relationship is a stance of manifest rejection".

O fato de, aproximadamente, 9 em cada 10 informantes considerarem ser jovem como uma vantagem em nossa sociedade, pode expressar uma conseqüência natural de como determinados estudantes aceitam os limites estabelecidos para sua crítica e atuação, sendo

---

(\*) FORACCHI, M. Marialice, *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*, Companhia Editora Nacional, 1965. 318 págs.

(\*\*) KENISTON, Kenneth, *The Uncommitted (alienated) youth in american society* New York, N. Y., Dell Pub. Co., 1966. 434 págs.

esta vantagem então uma das formas de se acomodar, de simplificar sua atitude diante da sociedade.

Embora exista uma concordância quanto às opiniões dos jovens em relação a conceituação do adulto de hoje como uma "pessoa que atingiu uma maturidade tanto física como emocional", há aquelas que transferem para o adulto a culpa dos preconceitos e tabus que há na sociedade.

Com base nos dados levantados, o universitário, em sua concepção, poderia ser descrito principalmente como: aberto ao diálogo, consciente do valor da família na sua formação, descontraído, consciente do seu poder de modificar instituições arcaicas e interessado nas mudanças políticas e sociais do Brasil.

Em relação à influência de determinados meios de comunicação (teatro, cinema, livro), como um fator capaz de modificar o modo de pensar, verificou-se uma tendência em negá-la (moças, 60,2% e rapazes 53,9%) devido a diferentes aspectos, tais como: ter uma personalidade muito forte, impossível mudar os valores adquiridos, ter maturidade suficiente, ter consciência do que faz etc.

Por outro lado, os entrevistados que consideram possível modificar o modo de pensar, enfatizaram os seguintes aspectos: desenvolve o senso de observação, ajuda na formação de caráter e personalidade, faz com que se encare a vida de uma maneira mais realista e facilita a compreensão da própria vida.

Nesta pesquisa, a concepção de relacionamento afetivo expressava, segundo os universitários entrevistados, além de uma demonstração implícita de romantismo, valores que visualizam esta ligação primordialmente como algo entre duas pessoas, com características de continuidade que possibilitem aprofundar o relacionamento.

Como pudemos observar, a aparência física para iniciar um relacionamento afetivo só não influi mesmo para aproximadamente 1 em cada 5 jovens. Sabentamos que não houve diferenças marcantes na opinião dos rapazes e das moças.

Na análise sobre a afetividade, vista como relacionamento amoroso, constatou-se que há exigências consideradas como fundamentais para se manter esta relação. Na concepção dos rapazes foi a fidelidade sexual considerada fundamental por 71,1% dos informantes e, na concepção das moças, o nível educacional semelhante ao seu, considerado fundamental por 76,7%.

Sintetizando, o relacionamento afetivo foi entendido principalmente como: compreensão e sinceridade, carinho e amor entre duas pessoas, entrosamento total em todos os níveis (afetivo, sexual e espiritual), troca de afeto, capacidade de dar e receber, amizade sincera entre duas pessoas, respeito e diálogo amplo e sentimento recíproco.

Na análise sobre as aspirações após o término do curso universitário face ao trabalho, os resultados encontrados apresentaram três características principais:

- a) *continuar estudando* — Iniciando um curso de pós-graduação (especialmente mestrado) sem preocupação de fato com trabalho;
- b) *fazer um curso de pós-graduação* (mestrado, especialização etc.) e exercer a profissão;
- c) *continuar trabalhando*, se possível, na própria profissão de formação devido a dificuldade de se colocar no mercado de trabalho.

Como se pode verificar (\*), 44,7% dos entrevistados já tem algum tipo de trabalho e estes se enquadram especialmente nos itens acima b e c, ao contrário dos 55,3% dos informantes que não trabalham e têm como preferência principal a característica "a".

Resalta-se que em nosso estudo (\*), na parte sobre a análise das aspirações dos jovens, ter em vista "somente trabalhar" após a conclusão do curso ginasial (final do 1.º grau) foi mencionado somente por 1,8% dos entrevistados e para aqueles que cursavam o último ano do curso colegial (final do 2.º grau) apenas 12,6%.

O que desejamos salientar é que desde a adolescência há toda uma socialização para estimular a entrada na universidade, como foi possível verificar neste mesmo estudo citado (52,8% dos estudantes que cursavam o ginasial já afirmaram que pretendiam entrar para universidade e 60,4% dos que cursavam o colegial) e, conseqüentemente, o fato de os atuais universitários terem em vista fazer o mestrado talvez seja apenas uma forma de adquirir um *status* e não uma melhor formação.

No presente estudo tivemos como intenção apenas focalizar determinados aspectos da problemática dos estudantes universitários. Acreditamos, entretanto, que a temática juventude é bastante ampla e muitos outros assuntos precisam ser pesquisados, pois o conhecimento desta camada da população em si é significativo por ser uma etapa de transição para uma vida adulta após uma formação universitária. Por isso nossa abordagem procurou delimitar apenas algumas indagações e esperamos que muitos outros estudos possam vir a contribuir para um melhor conhecimento da juventude.

(\*) Ver tabela número 4.

(\*) Oliveira, Rui Roberto da Silva — Relatório de Pesquis. América Latina, Rio de Janeiro, ano 14, 108-129, julho/des., 1971.

- BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude — O tempo e o espaço no mundo estudantil. In: *Sociologia da Juventude*, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1968, v. 4, pg. 41-66.
- CALLAWAY, Archibald — *Planification de l'éducation et chômage des Jeunes*. Paris. (UNESCO, 1971. 52 p.).
- COLEMAN, James S. — *The adolescent society: research chronicle*. In: *Sociologists at work*, New York, London Basic Books Inc., 1964, págs. 184-209.
- DAVID, Matza — *As tradições ocultas da juventude*. In: *Sociologia da Juventude*, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1968, v. 3.
- DAVIS, Allison — *A Socialização e a personalidade juvenil*. In: *Sociologia da Juventude*. Rio de Janeiro. Zahar Ed., 1968, v. 2, págs. 25-52.
- DUMAS, Georges — *La vie affective*. Paris. Presses Universitaires, 1946, 405 págs.
- ECHEVERRIA, José Medina — *A Juventude latino-americana como campo de pesquisa social*. In: *Sociologia da Juventude*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1968, v. 1.
- ERIKSON, Erik H. — *Identidad, Juventud y crisis, psicología social e sociología*. Buenos Aires, Paidós, 1968, 260 págs.
- FORACCHI, Marilice M. — *A Juventude na Sociedade Moderna*, São Paulo, Biblioteca Ploneira de Ciências Sociais, 1972, 168 págs.
- FORACCHI, Marilice M. — *O Estudante e a Transformação da Sociedade Brasileira*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1965, 318 págs.
- GOTTLIEL, David & Reeves — *A questão das subculturas juvenis*. In: *Sociologia da Juventude*, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1968.
- JAIDE, Walter — *As ambigüidades do conceito de "geração"*. In: *Sociologia da Juventude*. Rio de Janeiro, Zahar, 1968, v. 2, págs. 15-26.
- KENISTON, Kenneth — *The Uncommitted: alienated youth in American Society*. New York, N. Y., Dell Pub. Co., 1966, 434 p.
- KORNERUP, Eise — *Recherche sociologique sur le rôle de l'éducation dans une société en transition*. Rio de Janeiro, Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, 1973, 40 p. mimeog.
- LAPASSADE, Georges — *Os rebeldes sem causa*. In: *Sociologia da Juventude*, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1968, v. 3, págs. 113-123.
- MAISONNEUVE, Jean — *Psycho-sociologie des affinités*. Paris, Presses universitaires de France, 1966, 545 p.
- MANNHEIM, Karl — *Diagnosis of our time*. London, Routledge S. Kegan Paul Ltda., 1954.
- MEAD, Margaret — *Coming of age in samoa*. New York, mentor book, 1949. 192 p.  
— *Educación y cultura*. Buenos Aires, Paidós, 1972, 287 p.  
*Le José des générations*. Paris. Denoel/Gouthier, 1971.
- MEDINA, C. A. et alii — *Condições sócio-culturais do relacionamento familiar na transformação da sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais/Conselho Federal de cultura, 1972, 49 p. mimeog.
- MEDINA, C. A. — *Estudo das condições de programas de aperfeiçoamento cultural num contexto de comunicação intergeracional*. Rio de Janeiro, Centro Latino-Americano de Pesquisas em

- Ciências Sociais/Conselho Federal de Cultura, 1973, 44 p. mimeog.  
 MICHAUX, Léon — *Les Jeunes et l'autorité*, Paris, Presses Universitaires de France, 1972, 98 p.  
 MUUS, Rolf E. — *Teorías de la adolescencia*, Buenos Aires, Ed. Paidós, 1966.  
 OLIVEIRA, Nel Roberto da Silva — *Análise Sociológica da Problematiza do Jovem*, Rio de Janeiro, Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais/Conselho Nacional de Pesquisas, 1973, 49 p. mimeog.  
 SCHELSKY, Helmut — *Sociologia da Sexualidade*, Paz e Terra, 1968.  
 TROTSKY, Leon — A luta contra a juventude — In: *Sociologia da Juventude*, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1968, v. 4, pg. 31-39.

#### A R T I G O S

- ABBOUD Nicole de Maupeou — Bibliographie critique. *Des Millions de Jeunes*, Paris, 531-582 p., 1967.  
 ALMEIDA, Maria Leda Rodrigues De e OLIVEIRA, Nel Roberto da Silva — Subdesenvolvimento e Saber Superior na América Latina, *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, 362-369, v. 53, n.º 118, abril/junho, 1970.  
 BASTIDE, Henri & ROSET — CAZENAVE, Maité — Formation et devenir professionnel d'une promotion de jeunes après des études courtes. Une enquête dans l'agglomération parisienne. *Population*, Paris (2) : 257-270, mars/avr., 1972.  
 COHEN, Albert K. — The social problems of the university: two crises of legitimacy. *Social Problems*, Santa Barbara, 275-283, Winter, 1973.  
 MAISON, Dominique — L'aliénation des sociologues. *L'Homme et la Société*, Paris, (6) : 151-180, oct./dec., 1970.  
 MEDINA, Carlos Alberto — A pesquisa empírica no Brasil: conformismo e inovação política. *Revista de Ciência Política*, Rio de Janeiro, 4 (4) : 29-50, dez. 1970.  
 OLIVEIRA, Nel Roberto da Silva — Relatório de Pesquisa. *América Latina*, Rio de Janeiro, números 3/4, 109-129, 1971.  
 RUELENS, E. — Jeunesse et syndicalisme. *Revue de l'Institut de Sociologie*, Bruxelles, 246-247, 1971/1972.  
 SEEMAN, Melvin — Les conséquences de l'aliénation dans le travail. *Sociologie du Travail*, Paris, 113-133, avr./juin, 1967.  
 — On the meaning of alienation. *American Sociological Review*, Washington, D. C., 24 (6) : 783-791, Dec. 1959.  
 et ali. — Débat de l'utilité sociologique de la notion d'aliénation. *Sociologie du Travail*, Paris, 180-202, avr./juin, 1967.  
 TAVISS, Irene — Changes in the form of alienation: the 1900's v. S. the 1950's. *American Sociological Review*, Washington, D. C., 34 (1) : 45-57, feb. 1969.  
 TURNER, Ralph H. — The theme of contemporary social movement. *The British Journal of Sociology*, London, 20 (4) : 390-405, dec. 1969.  
 YOUTH: a school force? *International Social Science Journal*, UNESCO, 24 (2) : 216-373, 1972.

TABELA N.º 1

*Distribuição dos estudantes universitários entrevistados segundo a faixa etária.*

N.º de alunos e percentual	I D A D E									
	18 a 20		21 a 23		24 a 26		27 a 29		TOTAL	
	sexo		sexo		sexo		sexo		sexo	
	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M
subtotal	65	69	104	81	25	29	10	16	205	185
%	31,7	35,4	50,7	41,5	12,7	14,9	4,9	8,2	100,0	100,0
t o t a l	134		185		55		26		400	
%	33,5		46,2		13,8		6,5		100,0	

TABELA N.º 2

*Distribuição dos universitários segundo com quem eles moram*

	Pais		Esposa e/ ou filhos		Parentes		Amigos		Mora só		Outra situação		Total
	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	
	subtotal	155	142	20	15	21	8	4	12	4	10	1	
%	75,8	72,8	9,8	7,7	10,3	4,1	1,9	6,2	1,9	5,1	0,5	4,1	100   100
t o t a l	297		35		29		16		14		9		400
%	74,3		8,7		7,3		4,0		3,5		2,2		100

TABELA N.º 3  
 Ano em que os estudantes entraram na Universidade

N.º de classes e percentual	1968		1969		1970		1971		1972		1973		Total	
	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M
subtotal	2	11	8	18	56	54	66	46	61	39	12	25	205	195
%	0,9	6,7	3,9	9,2	27,3	27,7	32,2	24,5	29,8	20,0	5,8	12,8	100,0	100,0
total	13	—	26	—	110	—	114	—	100	—	37	—	400	—
%	3,3	—	6,5	—	27,5	—	28,8	—	25,0	—	9,2	—	100,0	—



TABELA N.º 4

Distribuição dos estudantes universitários segundo se trabalham  
(ter um trabalho remunerado) ou não

	Estudantes que trabalham		Estudantes que não trabalham	
	sexo		sexo	
	F	M	F	M
subtotal	80	99	125	96
%	39,1	50,8	60,9	49,2
t o t a l	179		221	
%	44,7%		55,3%	

TABELA N.º 5

Distribuição dos estudantes que trabalham segundo o horário

	Horário parcial		Horário Integral		Esporadicamente	
	sexo		sexo		sexo	
	F	M	F	M	F	M
subtotal	59	69	11	16	10	14
%	73,8%   69,7%		13,7%   16,2%		12,5%   14,1%	
t o t a l	128		27		24	
%	71,5%		15,1%		13,4%	

PESQUISA: Análise sociológica da problemática do jovem (estudantes universitários)

CENTRO LATINO-AMERICANO DE PESQUISAS EM CIÊNCIAS SOCIAIS e CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

Nome: ..... Estado civil .....

Endereço ..... Telefone: .....

I — a) sexo: ..... b) Idade: ..... c) Naturalidade .....

feminino ( ) 18 a 20 ( ) Cidade .....

masculino ( ) 21 a 23 ( ) .....

24 a 26 ( ) Estado .....

27 a 29 ( )

II — Universidade ..... a) Área .....

III — Curso que está realizando .....

IV — Ano que entrou na Universidade: 1968 ( )

1969 ( )

1970 ( )

1971 ( )

1972 ( )

V — Você mora com seus pais?

Sim ( )

Não ( ) — mora com esposa e filhos

mora com parentes

mora com amigos

mora só

outra situação (especificar) .....

VI — Quem são as pessoas que moram em sua casa?

Parentesco com você	Sexo	Idade	Ocupação	Nível educacional	Renda mensal

VII — Você trabalha? Você recebe mesada? De quem? .....  
 sim ( ) sim ( ) Quantia .....  
 não ( ) não ( )

VIII — Se trabalha:  
 Horário parcial ( ) a) O que faz no seu trabalho? (especificar) .....  
 Horário integral ( ) b) cargo .....  
 Esporadicamente ( ) c) salário mensal .....

IX — Você ajuda com dinheiro em casa?  
 S ( ) — quantia mensal .....  
 N ( ) — por que? .....

X — Como você conseguiu seu atual emprego? .....

XI — SE NÃO TRABALHA:  
 Por que você não trabalha? .....

1 — VOCÊ SE SENTE JOVEM?  
 Sim ( ) — responda pergunta 1a  
 Não ( ) — responda pergunta 1b

1a) SE RESPONDEU SIM  
 O QUE É UM JOVEM? .....

1b) SE RESPONDEU NÃO  
 POR QUE VOCE NÃO SE SENTE JOVEM? .....

2 — O QUE É UM ADULTO PARA VOCE? .....

3 — Quando se fala no jovem universitário de hoje, geralmente associa-se com os seguintes aspectos: (assinale se você concorda ou não com os aspectos apresentados)

ASPECTOS	Concordo	Não Concordo
a) Descontraído .....	( )	( )
b) Aberto ao diálogo .....	( )	( )

- c) O jovem tem consciência do seu poder de modificar instituições arcaicas . . . . ( ) ( )
- d) A geração mais velha tem inveja dos jovens de hoje . . . . . ( ) ( )
- e) O jovem está interessado nas mudanças políticas e sociais do Brasil . . . . . ( ) ( )
- f) Ser universitário é sinônimo de poder criticar a sociedade sem se incluir . . ( ) ( )
- g) Ser universitário é uma forma cômoda de viver . . . . . ( ) ( )
- h) O jovem de hoje é hipervalorizado . . . ( ) ( )
- i) O jovem reconhece o valor da família na sua formação . . . . . ( ) ( )

3a) Acrescente algum aspecto, com o qual você concorde, e não esteja incluído nesta lista acima.

.....  
 .....  
 .....  
 .....

4) — Você diria que uma peça de teatro, um filme ou um livro poderia fazer com que você mudasse o seu modo de pensar?

Sim ( ) responda a 4a  
 Não ( ) responda a 4b

4a) — Se uma peça de teatro, um filme ou um livro já fez com que você mudasse o modo de pensar, perguntamos: como isto aconteceu? Quando? De que forma?

.....  
 .....  
 .....

4b) — Por que não?  
 .....  
 .....

5 — O que você entende por relacionamento afetivo? .....

.....  
 .....

6 — Você diria que a aparência física influi muito na sua escolha para *iniciar* um relacionamento afetivo?

- muito                   ( )
- mais ou menos       ( )
- pouco                 ( )
- nada                  ( )

7 — Apresentamos agora alguns aspectos vinculados a um relacionamento afetivo; quais desses você considera fundamentais para **MANTER** este mesmo relacionamento afetivo?

<b>ASPECTOS APRESENTADOS</b>	<b>CONSIDERA FUNDAMENTAL</b>
------------------------------	------------------------------

- |  | Sim | Não |
|--|-----|-----|
| a) nível sócio-econômico semelhante ao seu . . .   | ( ) | ( ) |
| b) nível educacional semelhante ao seu . . . .   | ( ) | ( ) |
| c) idade semelhante à sua . . . . .  | ( ) | ( ) |
| d) fidelidade sexual . . . . .   | ( ) | ( ) |
| e) aceitação de sua escolha por parte de sua família . . . . .   | ( ) | ( ) |
| f) aceitação de sua escolha por parte dos seus amigos . . . . .  | ( ) | ( ) |
| g) acrescente outros aspectos que você considera fundamentais para <b>MANTER</b> um relacionamento afetivo e que não estejam na lista acima. |     |     |

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

8) Você considera uma vantagem ou uma desvantagem em ser **JOVEM** em nossa sociedade?

- vantagem       ( ) responda pergunta 9
- desvantagem   ( ) responda pergunta 10

9) Por que você considera como uma *vantagem* em ser **JOVEM** em nossa sociedade? .....

.....

.....

.....

.....

.....

- 10) Por que você considera uma *desvantagem* em ser jovem em nossa sociedade** .....
- .....
- .....
- .....
- .....
- .....
- 11) Quais são os seus planos para quando terminar o seu curso na universidade? (quanto ao trabalho, vida efetiva etc.)**